



DA INFORMAÇÃO AO CONHECIMENTO: A COMUNICAÇÃO DE RISCO NA MITIGAÇÃO DAS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

FERREIRA, Tânia; RODRIGUES, Félix & ARROZ, Ana

taniaferreira1@live.com.pt - felix@uac.pt - aarroz@uac.pt

Palavras-chave: percepção de risco, gestão integrada de riscos, comunicação de risco, alterações climáticas

Universidade dos Açores – Portugal

O PROBLEMA:

As alterações climáticas são amplamente reconhecidas como um dos riscos e desafios mais proeminentes que a humanidade enfrenta. Existem hoje sinais evidentes de que o clima está a mudar, por exemplo, a temperatura atmosférica global média em 2009 aumentou entre 0,7 e 0,8 °C, quando comparada com a da era pré-industrial (AEA, 2010).

Os efeitos das alterações climáticas são vários e têm repercussões na paisagem, estas consequências caracterizam-se por alterações nos padrões de precipitação, a subida do nível médio global das águas do mar, o recuo dos glaciares, aumento das temperaturas médias globais dos oceanos, a fusão generalizada da neve e das camadas de gelo terrestre, acidificação dos oceanos, ocorrência de fenómenos climáticos extremos e o aumento do risco de inundações nas zonas urbanas e nos ecossistemas (AEA, 2010).

No caso específico do estudo, as alterações climáticas serão abordadas a partir dos riscos de derrocadas/inundações; pragas agrícolas e urbanas; mini tornados e ciclones; escassez de água potável e subida do nível médio da água do mar. São seleccionados estes riscos, em detrimento de outros, por se tratar de riscos que atingem directamente as pessoas e que têm impactos ao nível da paisagem. São, igualmente, riscos que podem ser geridos pelos indivíduos de forma semelhante em termos de acções para a sua mitigação.

A sua mitigação poderá fazer-se através da diminuição das emissões individuais dos gases com efeito de estufa (GEE) para a atmosfera, para isto é necessário dotar os indivíduos de conhecimentos necessários para agir na mitigação do risco das alterações climáticas, através da aplicação de uma Comunicação de Risco Eficaz.

-Perceber a arquitectura da informação que torna eficaz uma comunicação de risco que sirva de estratégia para a governança do risco ambiental.

-Avaliar o risco percebido dos indivíduos relativamente a riscos associados às alterações climáticas;

-Conhecer/Descobrir as ferramentas e estratégias informativas necessárias para criar um dispositivo de comunicação de risco eficaz que se traduza em conhecimentos e/ou acções de mitigação do risco ou das consequências das alterações climáticas globais;

-Apreciar o impacto de diferentes estratégias comunicacionais nos indivíduos, procurando descortinar condicionantes que lhes estejam associadas.

-Prever e avaliar o comportamento de indivíduos quando sujeitos a mensagem de risco na área das alterações climáticas.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Adolfo, L. & Silva, R. 2006. A Arquivista e a Arquitectura da Informação: Uma Análise Interdisciplinar. *Arquivista.net*, 2 (1), 34-51

AEA. 2010. *O Ambiente na Europa, Situação e Perspectivas 2010: Síntese*. Agência Europeia do Ambiente, Copenhaga.

Angeloni, M. T. (2003). Elementos intervenientes na tomada de decisão. *Ciência da Informação*, 32 (1), 17-22.

Colares, M. et al. 2002. Construção de um Instrumento para Avaliação das Atitudes de Estudantes de Medicina frente a Aspectos Relevantes da Prática Médica. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 26 (3), 194-203

US Department of Health and Human Services. (2002). *Communicating in a crisis: risk communication guidelines for public officials*. Washington, DC, Department of Health and Human Services.

Miguel, A. (2009). *Avaliação da vulnerabilidade da orla costeira da ilha Terceira - Açores à variação do nível médio da água do mar*. Tese de Mestrado em Engenharia do Ambiente. Universidade dos Açores. Angra do Heroísmo.

AGRADECIMENTOS

Os autores manifestam aqui o seu agradecimento à Fundação para a Ciência e a Tecnologia, o financiamento concedido ao Projecto de Investigação "África Annes - Incorporação da percepção social na comunicação de risco ambiental".

Workshop – DO ENVOLVIMENTO À PARTICIPAÇÃO: O PAPEL DA COMUNICAÇÃO NA GESTÃO DE RISCOS



Universidade dos Açores
Angra do Heroísmo
20 a 22 de Julho, 2011

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

O ESTUDO:



Quais serão os atributos necessários a uma Comunicação de Risco Eficaz na alteração de conhecimentos e/ou comportamentos acerca das alterações climáticas que conduza à minimização dos seus impactos na paisagem terceirense?



Etapas:

1. Avaliar conhecimentos, percepções ambientais e representações das práticas de indivíduos em relação aos riscos de derrocadas/inundações; pragas agrícolas e urbanas; mini tornados e ciclones; escassez de água potável e subida do nível médio da água do mar. Técnicas: inquéritos por questionário e entrevistas, análises descritivo-interpretativas e estatística multivariada.
2. Elaborar cenários de risco, com a colaboração de peritos, que avaliem as consequências dos riscos citados na etapa 1 na paisagem da ilha Terceira, se se mantiverem as mesmas taxas de emissão global de gases com efeito de estufa para a atmosfera. Técnica: construção de paisagens futuras em GIS ou 3D.
3. Construir comunicações de risco, com diferentes arquitecturas da informação, no âmbito dos riscos a estudar, tendo em conta os dados recolhidos junto dos indivíduos e os cenários de risco.
4. Reunir com *stakeholders*, especialistas e outros profissionais de diversas áreas para recolher contribuições sobre as arquitecturas informativas utilizadas na construção das comunicações de risco. Técnicas: Participativas, Workshop (filmado) e análise de conteúdo.
5. Seleccionar os indivíduos mais característicos de cada racionalidade encontrada na amostra inquirida e formar grupos de foco heterogéneos internamente mas homogéneos entre si, sendo que um deles funcionará como grupo piloto.
6. Testar comunicações de risco com diferentes arquitecturas, aperfeiçoadas e reguladas na etapa 4 e recolher feedback sobre a sua pertinência e eficiência junto dos grupos de foco. Técnicas: Brainstorming, técnicas participativas, workshop (filmado), análise de conteúdo.
7. Avaliar impactos das arquitecturas de mensagem nos conhecimentos, atitudes e acções junto dos participantes que integram os diversos grupos de foco, prevendo-se o recurso a estratégias de avaliação de impactos observados e modelados. Comparação dos impactos dos grupos de foco com os do grupo piloto não sujeito a comunicação do risco.
8. Construir um modelo estatístico que preveja acção de indivíduos, quando sujeitos a uma mensagem de risco. Calibração do modelo por comparação com outros estudos já realizados e usando os dados obtidos neste estudo de modo a prever a percentagem de pessoas que depois de adquirir conhecimentos agem na minimização do risco e extrapolar os resultados adquiridos para a realidade em estudo.
9. Identificar os atributos subjacentes a uma comunicação de risco eficaz, deduzindo um conjunto de recomendações passíveis de investir em situações congêneres.

AValiação DO RISCO:

Estabelecimento de Cenários

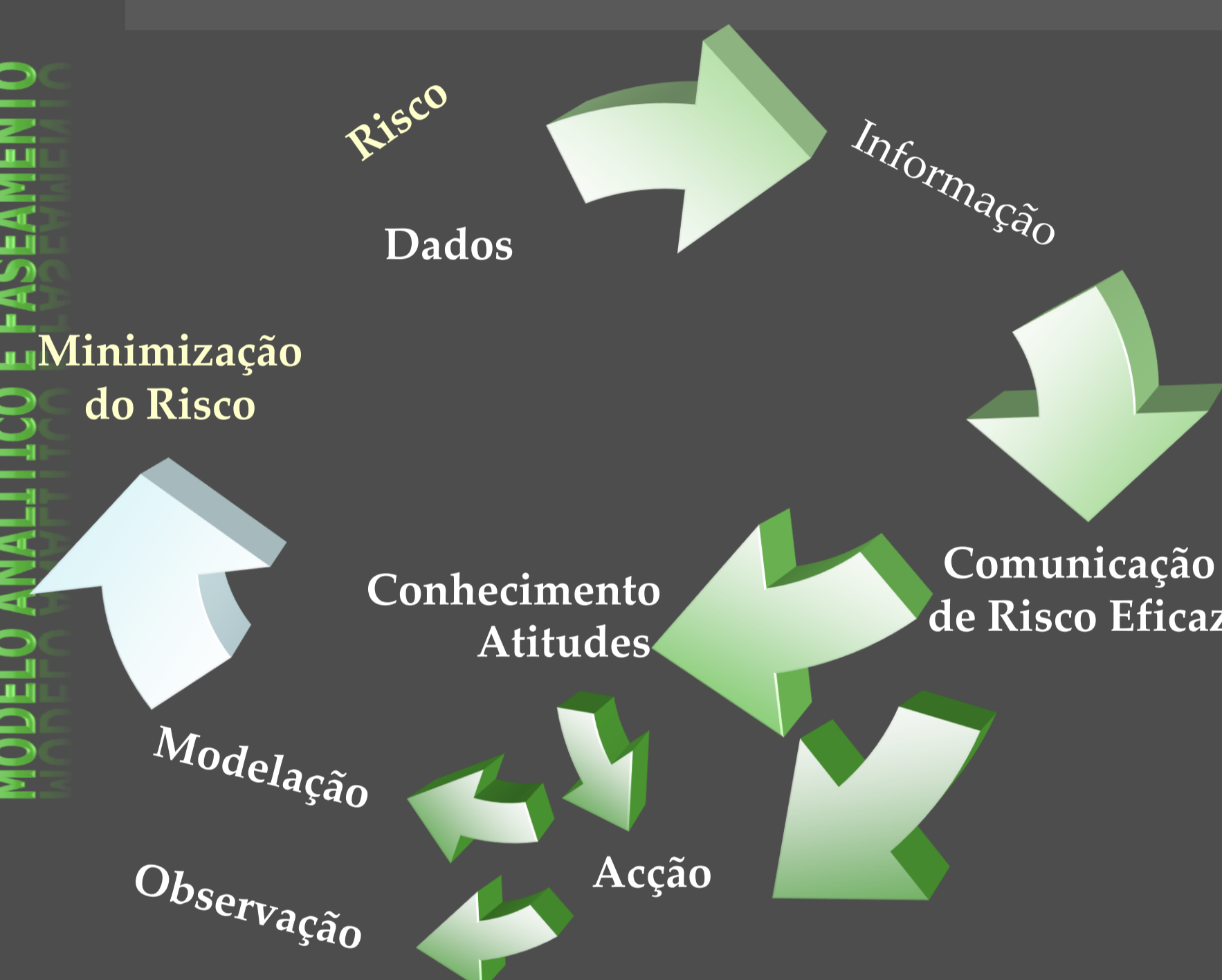
Serão estabelecidos vários cenários para a alteração da paisagem terceirense tendo em conta os seguintes vectores:

- Subida do nível médio da água do mar,
- Efeito de mini-tornados e ciclones,
- Inundações e derrocadas,
- Pragas agrícolas e urbanas;
- Escassez de água potável.

Exemplos (Miguel, 2009):



MODELO ANALÍTICO E FASEAMENTO



Operacionalização de Constructos

Comunicação de risco - é um processo interactivo e deliberado de troca de informação, entre indivíduos, instituições e comunidades, sobre riscos e diz respeito à sua natureza, gravidade e aceitabilidade. Esta troca é normalmente referente a situações que ameaçam a saúde, a segurança ou o ambiente (US Department of Health and Human Services, 2002).

Comunicação de risco eficaz - aquela que promove conhecimentos e/ou competências efectivos que poderão conduzir a acções de mitigação do risco.

Informações - como dados com significado, processados e contextualizados (Angeloni, 2003).

Arquitectura da informação - processos de *design* da mensagem que fazem um balanço entre a forma e função para construir uma comunicação facilitadora da interação, tornando as informações mais compreensíveis e assimiláveis (Adolfo e Silva, 2006).

Conhecimento - é definido como a informação depois de processada pelos indivíduos. Não pode ser desvinculado do indivíduo, dado que está estritamente relacionado com a sua reconstrução do significado, que codifica, descodifica, distorce e usa a informação de acordo com as suas necessidades e características pessoais (Angeloni, 2003).

Atitude - disposição pessoal para agir de determinada forma perante objectos, situações ou proposições, que varia em direcção (favoráveis ou desfavoráveis) e intensidade e comporta 3 dimensões: cognitiva, volitiva e comportamental (Guilford, 1954 in Colares et al, 2002),

Acção - comportamento consciente e voluntário realizado para atingir um determinado objectivo. Neste caso, visar a mitigação de risco. Será avaliada através de **indicadores**, ou seja, tarefas simples e mensuráveis consideradas adequadas à minimização do risco

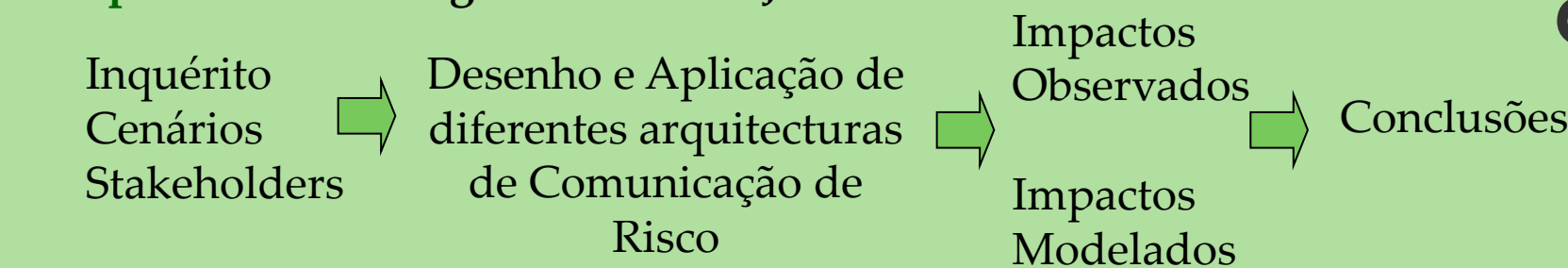
Etapas 1 e 2 - 1º Artigo Científico – Junho 2012



Etapas 3 e 4 - 2º Artigo Científico – Novembro 2012



Etapas 5 à 9 - 3º Artigo Científico – Julho de 2013



Artigos Científicos Calendarização